

Lucio Flavio Pinto

Imaginação criadora

POVOS INDIGENAS
NO BRASIL / CEDI
DOCUMENTAÇÃO
ODD 49 DATA 26/11/85

10

Infelizmente a reconstituição da história de Tucuruí ocorre num momento em que a obra está quase pronta e acabada. Pode-se apontar e lamentar o leite derramado, mas pouco além disso. A Eletronorte deixou-nos um impasse técnico de contorno virtualmente impossível. Por isso está tranqüila e nega-se a entrar no debate público. Quando muito, aceitará expor seus argumentos em juízo, por ser obrigada.

A auto-suficiência e inflexibilidade não sofreram alteração. De Brasília, o porta-voz da empresa, fazendo coro com o ministro das Minas e Energia, classifica de emocional a iniciativa do Estado e de cidadãos que tentam na Justiça a suspensão do fechamento da represa. A Eletronorte, além de cumprir a ordem de fiat lux, dixit. Julgase Deus Ex-Machina. Linguagem bem de acordo com a ficção científica que vamos aos poucos montando, como um quebra-cabeças de muito mau gosto.

Os depoimentos que estão se juntando aumentam a sensação de espanto diante da forma como foi conduzida a obra. Tucuruí, realização impressionante da engenharia, concretização (in latu sensum) de antigos e justos anseios regionais, é, na verdade, um anacronismo. Está velha mais de 30 anos. Ignorou todo o conhecimento de vanguarda que se acumulou desde o "bumerangue ecológico" de Assuã, embora tenha procurado compensar a lacuna com estudos realizados com o barco andando.

Ontem, os depoimentos do governador Jäder Barbalho e do presidente da Cosanpa, Haroldo Araújo, prestados em locais distintos, complementaram-se, ajudando a esclarecer de que maneira começou o capítulo mais recente desta discussão. Narrou o governador que durante a 35ª Reunião Anual da SBPC, realizada em julho do ano passado em Belém, ele alertou para os riscos da imprevidência na condução da obra.

Em resposta, Jäder recebeu uma carta do então assessor de relações públicas da Eletronorte (hoje assistente da presidência), Maurício Esteves Coelho, que lhe dava "uma reprimenda", acusando-o de estimular o pânico, criando "uma expectativa que não correspondia à realidade".

Ofendido, o governador deu à carta "o destino certo: o lixo". Mas, alguns meses depois, em janeiro deste ano, repetiu as mesmas colocações diante do próprio presidente da Eletronorte, Douglas Luz (a quem então conhecia), durante a visita que o ex-ministro da Marinha, almirante Maximiano da Fonseca, fez a Tucuruí. Jäder diz ter notado o impacto de suas declarações diante do corpo técnico e dirigente da empresa: pareciam surpresos e, ao mesmo tempo embaraçados.

Em fevereiro, o governador convocou toda a sua equipe de primeira linha para assistir uma exposição da Eletronorte, realizada no auditório da Celpa, sobre o andamento dos serviços. O engenheiro Haroldo Araújo, que estava lá, admitiu ontem — depondo na CPI sobre recursos naturais da Assembleia Legislativa — ter ficado perplexo ao ouvir o coordenador geral da Eletronorte afirmar que a poluição industrial em Belém é uma das causas da salinidade nas águas captadas para o consumo da população.

No dia seguinte, numa reunião privativa com os técnicos da Eletronorte, o presidente da Cosanpa disse-lhes que não havia intervido para contestar a declaração "porque não era o momento". Mas manifestou total discordância com a tese, que definiu como "inconsequente". Ele percebeu que os técnicos sentiram e se sensibilizaram para a necessidade de realizar alguma coisa a fim de prevenir a hipótese de salinização da água. A Cosanpa forneceu as informações de que dispunha e acertaram duplicar o sistema de captação no Guamá e adução da água para os reservatórios.

A Cosanpa, porém, não efetuou qualquer estudo conjunto com a Eletronorte sobre salinização, considera insatisfatórios os estudos realizados e improvável que, com os dados brutos existentes, alguém possa dar as garantias apresentadas pela Eletronorte. Depois de ter acertado as obras para o sistema de captação e adução, a Cosanpa surpreendeu-se com a decisão unilateral da Eletronorte de reduzir as obras a 10% do que estava programado. "Pode ser que eles tenham se convencido de que esses serviços não eram mais necessários. Eu não me convenci disso ainda", disse Haroldo Araújo à CPI.

Quem, na verdade, se convenceu? Provavelmente apenas os que aceitam respostas prontas, sem indagar ou raciocinar. A tese de que a salinização das águas do estuário e na captação do Guamá deve-se à poluição industrial em Belém é, na melhor das hipóteses, esdrúxula, bizantina — para usar expressões refinadas.

A Eletronorte aponta uma fábrica de celulose, cortumes e uma indústria de adubos químicos como algumas das poluidoras. A fábrica de celulose, para poluir a baía com cloreto, teria que antes poluir o igarapé do Una. Polui, é certo, mas não especificamente com cloreto. Os cortumes são em número cada vez mais reduzido. A indústria de adubos sequer funciona. Todas usam pouco cloreto. Há (infelizmente, lamenta-se na cidade) poucas indústrias em Belém.

Mas não falta imaginação em Brasília. Faltam, sim, outras virtudes.